



El viaje

Não sei como nem quando a descobri ao meu lado.

Já estávamos sentados um ao lado do outro, ela junto à janela e eu no lugar do corredor, quando me dei conta da sua presença, dos seus olhos espantados e da sua pele fina, quase amarela, a vinte centímetros de mim. Na verdade, estávamos mesmo muito próximos, ela inclinada sobre mim, tenho a certeza disso, porque calculei em uns vinte centímetros o espaço que a separava da janela, como se algo ali a assustasse e a levasse a largar o seu lugar e chegar-se para o meu lado.

Era uma manhã moderadamente clara, sem o sol radiante que por vezes a alguns desperta esperanças, em nada, mas esperanças, afinal de contas. A luz ficava lá fora, e chegava-nos um brilho insuficiente, que pouco ajudava as fracas lâmpadas do comboio.

A minha desconhecida companheira de viagem não se mexia. Era jovem e tinha um rosto anguloso e fino, cabelos pretos compridos como as mulheres de La Perla. Nos seus olhos, na verdade, não havia assombro: eram grandes e olhavam com avidez. E isso era tudo. Ao fim de uma hora, apercebi-me de que falava pouco, com uma voz débil e lábios quase fechados, em discordância com seu olhar ambicioso.

Mantive-me atento. Ao colo, levava um volume de tamanho considerável, uma espécie de baú, que as suas mãos seguravam de ambos os lados. Era um cofre como aqueles que, num filme, alguém encontra por acaso, cheio de jóias. Detive-me um instante no mistério dos cofres, perguntando-me quantas e que tipo de jóias estariam no que a minha companheira levava. Distingui a madeira leve, pintada de castanho-claro e turquesa com florzinhas brancas. Furtivamente, girei a cabeça à procura de um ângulo melhor e tive a sorte de poder ver o interior. Que emoção. Não estava cheio. Mas era um verdadeiro cofre, com um ar antigo; uma caixa de jóias.

A minha vizinha levantava os olhos e, de vez em quando, olhava pela janela, como se se estivesse a certificar de alguma coisa. As jóias desordenadas no fundo do cofre deixavam um espaço vazio no centro, uma espécie de nicho desabitado com os contornos de um corpo humano. “É aqui que durmo, é aqui que me recolho todas as noites”, disse com uma voz quase inaudível, inclinando a cabeça para ver o seu lugar no pequeno baú. Fiz as minhas contas: considerando todos os factores, o espaço adequava-se a alguém como ela.

Olhei pela janela e, no enquadramento, apareceu o mesmo arvoredo que tinha visto no início da viagem, quando senti pela primeira vez a sua presença. Sei que era a mesma paisagem pelo pinheiro alto que se destacava detrás das outras árvores. Já tinham passado muitos minutos, mais de uma hora. Teria o comboio parado? O barulho e as sacudidelas eram de um comboio em andamento. Do céu apenas conseguia ver uma faixa fina e cinzenta onde deslizavam algumas nuvens.

Quando voltei a prestar atenção ao nosso compartimento, algo tinha mudado. A minha vizinha já não tinha o cofre. No entanto, as suas mãos continuavam a segurar alguma coisa. Olhei com atenção. Era água. O que levava agora no colo era água, a sua água. Com a mão direita, fez o movimento de uma onda descendente e mergulhou-a na superfície da água. Repetiu com a esquerda o mesmo movimento e, desta vez, reparei que a água estremecia. Tudo era transparente. Passou os dedos pela água para ver como estava. Depois, levou as mãos ao fundo, juntando as duas palmas, duas partes que se cumprimentam, que se reconciliam lá em baixo, naquela matéria límpida e delicada.

Ergui o olhar para poder ver o seu rosto: descobri nos seus olhos um brilho que não existia antes. Um brilho de esperança.

A mulher retirou cuidadosamente as mãos da água e secou-as com um pequeno lenço de um pano fino com umas flores discretas.

Olhei fixamente para a água e, de repente, reconheci um ténue azul-celeste. A água movia-se, embalando sabe-se lá o quê.

E senti a passagem de uma brisa acompanhada por uma espécie de fragor, daqueles que às vezes atravessam o céu.

Mas aqui não havia céu.

De onde vêm essa brisa e esse fragor? Percebi que vinham da água. Do mar. Era a água do mar.

“É aqui que mergulho todas as noites e me aninho para dormir”, chegou aos meus ouvidos, como um sussurro.

A mulher tinha o seu próprio mar, que à primeira vista parecia um cofre.

Lembrei-me da mãe da minha amiga Lou, que adorava o mar e ia visitá-lo uma vez por ano, enchendo pequenos frascos e até cântaros com água do mar, para o sentir perto na sua casa do interior.

Esta mulher viajava com o seu próprio mar, levando-o para todo o lado para nele mergulhar à hora de dormir.

E precisava do seu mar porque era um peixe.

Sabia-o com uma convicção que tornava desnecessária qualquer discussão.

De repente, senti-me jovem, descobri-me jovem outra vez, e pensei que essa era a vantagem de estar perto de alguém que leva consigo um cofre e um mar.

Incansável o mar passava
na tarde
as suas intermináveis páginas,
assobiando canções desconhecidas.

Arrebatado e mitológico ascendia
até chegar às nuvens sediciosas.

Quando começou a cair, uma matilha
lançou-se. Os povos levantaram-se
nas suas páginas ensurdecadoras.

Depois,
como um homem morto, cavou a sua campa,
e manso estendeu-se sob a sua lápide.

E pudemos senti-lo
enquanto se afundava e se afundava.

“El viaje” (A viagem) é um conto de Mario Campaña, também autor do poema aqui reproduzido, ambos traduzidos por Susana Camanho, Emídio Agra e José Carlos Sendim e publicados por ocasião de “Jardin des Oiseaux”, uma exposição de Emídio Agra, com filmes de Ana Pissarra e José Nascimento, vídeos de Pere Puig e curadoria de Paula Pinto, realizada de 25 de janeiro a 22 de março 2025, no CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, em Guimarães. Design de Macedo Cannatà. Fotografias de Susana Camanho e fotogramas retirados de filmes de Ana Pissarra e José Nascimento, com os seguintes objetos: *Le pianiste*, 2017; *“Sur l'eau” (óculos)*, 2007; *Dentadura*, 2012; *Horloge*, 2020; *Vasilha*, 2014; *Une rare fleur*, 2018; *Oiseau dansant*, 2024; *Bota* (1993-2004). Organização Performing the Archive, com apoio da República Portuguesa – Cultura / Direção Geral das Artes. Nota ao conto: *La Perla* é uma forma popular de alusão à cidade equatoriana de Guayaquil. É a forma como o autor, nos seus textos narrativos, se refere a esta cidade, numa alusão sarcástica às pretensões da oligarquia de Guayaquil, inspirada no seu hino que diz: “eres perla que surgiste del más grande e ignoto mar”.

Jardin des Oiseaux